



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

LUCIANA DOS SANTOS VITORINO

**OS CAPRICHOS DA ELITE BRASILEIRA NOS PERSONAGENS BRÁS CUBAS E
JANJÃO**

Itabaiana – SE

2022

LUCIANA DOS SANTOS VITORINO

**OS CAPRICHOS DA ELITE BRASILEIRA NOS PERSONAGENS BRÁS CUBAS E
JANJÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras-Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano
Coorientadora: Profa. Msc. Iasmim Santos Ferreira

Itabaiana – SE
2022

LUCIANA DOS SANTOS VITORINO

**OS CAPRICHOS DA ELITE BRASILEIRA NOS PERSONAGENS BRÁS CUBAS E
JANJÃO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Letras/Português pela Universidade Federal de Sergipe, *campus* universitário prof. Alberto Carvalho.

Itabaiana/SE, 21 de junho de 2022

Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Msc. Iasmim Santos Ferreira
Universidade Federal de Sergipe

Avaliador: Prof. Msc João Paulo Santos Silva
Universidade Federal de Sergipe

Avaliadora: Profa. Msc. Iasmim Santos Ferreira
Universidade Federal de Sergipe

A todos que acreditam na literatura como forma de refletir sobre o meio social e que possam se valer deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao criador por me conceder saúde, perseverança e luz em todos os momentos de desafios. Agradeço aos meus pais e a minha irmã-amiga que acreditaram na educação me incentivando à leitura e à escrita desde a infância. À minha mãe em especial por compreender sempre todos os momentos em que não pude ajudá-la por estar desenvolvendo trabalhos ou estudando para prova. Ao meu namorado por me acolher nas etapas piores da minha vida, ouvir minhas lamentações e por compreender todas as vezes que eu escolhi estudar, pois, sem dúvidas ser estudante do ensino superior é isso: escolhas e abdicação. Às minhas colegas de trabalhos que a UFS me concedeu durante a graduação: Raulina, Bruna, Franciele, Júlia, Grasielle, Camila e, em especial, à Joseane com seus conselhos e palavra de conforto e por acreditar no meu potencial todas as vezes que eu duvidei de mim mesma. À Karine que me ajudou com as normas da ABNT logo no início que entrei na UFS quando estava perdida. À minha querida orientadora Iasmim Santos Ferreira, exemplo de inspiração, que se fez presente e esteve disposta a ajudar com os textos e a sanar dúvidas. Aos professores do departamento de Letras (DLI) do *campus* de Itabaiana que proporcionaram a minha formação. Enfim, a todos que de alguma maneira contribuíram para finalizar o meu ciclo: minha eterna gratidão.

“Subordinado ao capricho, o elenco das finalidades-mestras da vida burguesa toma feição barateada, com alguma coisa de opereta.”

(SCHWARZ, 2000 b, p. 42)

RESUMO

Esta pesquisa consiste em apontar e analisar através do estudo de personagens e dos narradores, as atitudes caprichosas de Brás Cubas (no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*) e Janjão (no conto “Teoria do Medalhão”), ambas obras machadianas; comparar o romance e o conto com foco na relação familiar e do ambiente como principais influenciadores no comportamento dos personagens em questão. Além disso, é de suma importância compreender os elementos que levam à sociedade a manter um comportamento fútil e pautado nos desejos de maneira dominadora pelo simples fato da menor parte da população brasileira ocupar uma posição social mais elevada estar presente na estrutura social. Para tal conhecimento usamos o método de cunho bibliográfico, tais como um percurso analítico dos capítulos do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a) e o conto “Teoria do Medalhão” (1994 b); os tipos de narradores e os recursos usados para construir os textos a partir dos estudos críticos de Leite (2002) e Brait (1985). Por fim, apresentar a dominância e a volubilidade do narrador e personagem do romance referido à luz dos escritos de Schwarz (2000 a - b).

Palavras-chave: Caprichos; Elite brasileira; Dominação; Volubilidade.

ABASTRAT

This research consists of pointing out and analyzing through the study of characters and narrators, the capricious attitudes of Brás Cubas (in the novel *Posthumous Memoirs of Brás Cubas*) and Janjão (in the short story “Teoria do Medalhão”), both Machadian works; to compare the novel and the short story with focus on the family relationship and the environment as the main influencers in the behavior of the characters in question. In addition, based on desires in a dominating way, due to the simple fact that the smallest part of the Brazilian population occupies a higher social status to be present in the social structure. For such knowledge we use bibliographic methods, such as an analytical course of the chapters of the novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a) and the short story “Teoria do Medalhão” (1994 b); the types of narrators and the resources used to construct the texts from the critical studies of Leite (2002) and Brait (1985). Finally, to present the dominance and volubility of the narrator and character of the referred novel in the light of the writings of Schwarz (2000).

Keywords: Caprices; Brazilian Elite; Domination; Volubility.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	11
1.1 Reflexão acerca do foco da narrativa	11
1.2 Principais ideias sobre pessoas, personagens e narradores	13
2. ANÁLISE DOS OBJETOS DE ESTUDO.....	16
2.1 Os elementos da narrativa nas obras <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> e “Teoria do Medalhão”	16
2.2. Principais fatores contribuintes para o comportamento caprichoso de Brás Cubas e Janjão.....	27
2.3 O narrador de <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>: volubilidade e superioridade.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

O presente estudo delimita-se em analisar os caprichos da elite brasileira na figura de dois personagens principais: Brás Cubas (em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*) e Janjão (em “Teoria do Medalhão”), ambas obras machadianas e lançadas no ano de 1994. Dessa forma, entende-se por caprichos o comportamento fundamentado nos desejos e vontades do indivíduo, isto é, o querer consolidado pelo poder de realização sem causa ou motivo específico de uma parte da população brasileira. Quanto à elite brasileira podemos defini-la como a menor parte da sociedade do país, sendo esta privilegiada por ter posição econômica, política e cultural de modo desproporcional perante à organização coletiva.

Diante do tema supracitado, observa-se que tanto no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1994 a) quanto no conto “Teoria do Medalhão” (1994 b) estão presentes os caprichos da elite brasileira marcado por fatores como a relação de poder e exploração do grupo privilegiado sobre a massa mais pobre. E essa relação de poder tem como consequência a desigualdade social gerando uma sociedade doentia e fútil pautada nos caprichos daqueles que detêm o capital como vê-se nos personagens principais Brás Cubas e Janjão. Dessa forma, este poder é dado justamente pela posição econômica que os indivíduos possuem sendo consolidado pelos anos de escravidão que o país esteve exposto. Além do mais está cada vez mais presente na sociedade atual de maneira velada e mascarada. Com isso, acredita-se que os caprichos da elite brasileira se manifestam na sociedade de maneira consistente, influenciadora, podendo estar relacionados à organização social, à exploração e à dependência da massa mais vulnerável da população.

Destarte, com “[...] a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade” (CANDIDO, 1999, p. 84) projetando um universo ficcional que aponta para o meio social que está fora do texto e ao mesmo tempo trazendo elementos expressivos cheios de significados que tenham capacidade de dar forma ao real, entende-se que por meio da literatura podemos repensar sobre a estrutura da sociedade, indo em busca de compreender a si mesmo e nossas limitações desvendando os motivos de serem pelo simples fato de existir, construindo um lugar mais justo, melhor de se viver. Para tanto, investigamos o comportamento da elite brasileira cujos caprichos e a dominância do grupo rico exerce poder sob a massa mais pobre e estão representados através da figura de dois personagens principais: Brás Cubas (no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*) e Janjão (no conto “Teoria do Medalhão”).

Temos como objetivo geral compreender os elementos que estão envolvidos no comportamento caprichoso da elite brasileira pela perspectiva do estudo de personagens e de narradores a partir do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a) e do conto “Teoria do Medalhão” (1994 b). Os objetivos específicos são apontar e analisar os elementos da narrativa no romance e no conto em questão com ênfase nos momentos em que aparecem os caprichos; refletir sobre a organização social vinculada às relações de influência familiar e do ambiente na atitude de Brás e Janjão como reflexo nas duas obras machadianas. Por fim, mostrar de que forma o personagem do romance supracitado apresenta o comportamento dominador e inconstante.

Esta pesquisa tem como método a revisão de cunho bibliográfico, na qual “O estudo permite que o leitor acompanhe claramente o processo de desenvolvimento da pesquisa, desde as questões iniciais até as conclusões. Um estudo com encadeamento lógico das evidências possibilita ao leitor seguir os passos do autor em direção às conclusões.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.130).

Outrossim, como embasamento teórico utilizaremos Leite (2002) e Brait (1985), mostrando a importância de “verificar as estratégias que o autor utiliza para reinventar a realidade, transportando sua visão de mundo ao leitor e fazendo-o, por essa ilusão, reportar-se à chamada realidade” (BRAIT, 1985, p. 19); nesse tocante, observaremos a forma que Machado de Assis utilizou para construir os personagens Brás Cubas e Janjão. Além disso, utilizaremos também Schwarz (2000 b) trazendo o comportamento dominador e caprichoso de Brás Cubas diante do meio social.

Assim, nesta monografia apresentaremos dois capítulos: “Algumas considerações teóricas” e “Análise dos objetos de estudo”. Em “Algumas considerações teóricas” discorreremos um apanhado teórico sobre as perspectivas de narradores e o estudo das personagens para aprofundar os conhecimentos necessários da análise do capítulo seguinte. Quanto à “Análise dos objetos de estudo” mostraremos de maneira sistemática os momentos em que Brás e Janjão apresentam comportamento caprichoso através dos elementos da narrativa e os fatores que levaram para tal atitude de ambas personagens. Como também a presença da superioridade, volubilidade do narrador e do personagem principal em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a). Por último, as considerações finais finalizando os conceitos e trazendo os resultados das análises.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

1.1 Reflexão acerca do foco da narrativa

De acordo com Leite (2002) em uma obra de ficção é importante que leve em consideração a predominância do tipo de narrador, pois na maioria das narrativas geralmente tem mais de uma categoria. Dessa forma, apresentaremos nos parágrafos seguintes algumas dessas categorias apontadas por Norman Friedman e apresentadas por Leite (2002) em seu estudo do foco narrativo.

A respeito do autor “onisciente intruso” observa-se que há dominância de pensamentos, opiniões daquele que conta a história, ou seja, seu aspecto particular é a intromissão em que “seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada” (LEITE, 2002, p. 27) chamando atenção do leitor e causando um efeito que pode ser negativo ou positivo, já que depende da intenção do narrador quando insere essa característica no texto. Além disso, autores como Camilo Castelo Branco, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis geralmente utilizam este artifício. Nas narrativas machadianas, por exemplo, pode aparecer a intromissão através de comentários irônicos de algum acontecimento, pausas ou críticas em que Machado:

utiliza esse narrador intruso como ruptura da verossimilhança. Seu leitor não se esquece de que está diante de uma FICÇÃO, de uma análise, da interpretação ficcional da realidade, um mero PONTO DE VISTA sobre pessoas, acontecimentos, sociedade, lugar e tempo. (LEITE, 2002, p. 29, grifos da autora).

Com isso, percebe-se que Machado faz uso dessa intrusão como forma de puxar quem ler para perspectiva de observação dele perante à sociedade para que o leitor possa identificar-se ou não diante da situação. As digressões também são usadas na medida que o autor faz um desvio proposital do assunto adicionando algum comentário ao mesmo tempo que chama atenção do leitor, pois há uma quebra na narrativa.

O “eu” como testemunha é o tipo de narrador que narra e participa dos acontecimentos transmitindo para o leitor a ideia de que é possível ocorrer aquela narrativa. Dessa forma, a autora expõe que o narrador-testemunha:

não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses, servindo-se também de informações, de coisas que viu ou ouviu, e, até mesmo, de cartas ou outros documentos secretos que tenham ido cair em suas mãos. (LEITE, 2002, p. 38).

Outrossim, percebe-se que este tipo de narrador acaba tendo um conhecimento limitado, já que a visão não é de protagonista, mas sim uma segunda visão podendo observar de perto os fatos e depois trazer o seu ponto de vista daquilo que foi presenciado por ele. Com isso, é possível indagar se o narrador está mesmo sendo apenas participante e observador contando apenas o que está vendo ou se ele também vai interferir em algum momento da narrativa.

O “narrador-protagonista” é o tipo de narrador que narra e também é o personagem principal da história em que “O NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 2002, p. 43, grifo da autora). Dessa forma, tudo é visto por sua ótica de modo que um acontecimento misterioso por exemplo, só é revelado na medida que o narrador descobre a verdade. De acordo com Leite (2002) isso ocorre no romance *Grande Sertão: Veredas* dado que Riobaldo, narrador central da história, nos mostra o que realmente aconteceu somente quando o próprio protagonista desvenda o mistério.

O “modo dramático”, segundo Leite (2002), restringe-se às ações e ao diálogo das personagens, isto é, a comunicação direta dos próprios indivíduos ou com seus interlocutores para representar as práticas humanas e tentar prender a atenção de quem assiste como vemos nos espetáculos teatrais. Assim, o leitor procura entender a maneira que foi conduzida as performances descobrindo seus significados em que “O ÂNGULO é frontal e fixo, e a distância entre a HISTÓRIA e o leitor, pequena, já que o texto se faz por uma sucessão de CENAS”; (LEITE, 2002, p. 58, grifos da autora), sendo o foco maior nos movimentos dos intérpretes. E isso pode ser visto em uma conversa simples do cotidiano: “1.º soldado romano — Já experimentou o tinto? 2.º soldado — Não, não experimentei.” (HEMINGWAY, 1976, p. 107 *apud* LEITE, 2002, p. 60), uma vez que o uso do travessão usado pelo narrador indica a reprodução fiel da fala dos personagens prevalecendo o estilo direto.

Por último, o recurso conhecido como Câmera em que mostra os eventos de maneira distanciada na qual Leite (2002, p. 62) afirma que:

O nome dessa categoria me parece um tanto impróprio. A câmera não é neutra. No cinema não há um registro sem controle, mas, pelo contrário, existe alguém por trás dela que seleciona e combina, pela montagem, as imagens a mostrar. E, também, através da câmera cinematográfica, podemos ter um PONTO DE VISTA onisciente, dominando tudo, ou o PONTO DE VISTA centrado numa ou várias personagens. O que pode acontecer é que se queira dar a impressão de neutralidade. (LEITE, 2002, p. 62, grifos da autora).

Dessa forma, é evidente que a autora questiona o termo câmera como algo neutro, pois, apesar do narrador observar sem interromper as ações de uma história, inicialmente, reflete os

fatos e depois revela os acontecimentos nos quais registra somente o que julgar necessário controlando os eventos.

Além das categorias vistas anteriormente, Leite (2002) apresenta o fluxo de consciência em que trata da quebra dos pensamentos lógicos ocorrendo manifestação do inconsciente, isto é, desenrola-se sem que a pessoa perceba podendo ocorrer uma mistura de pensamentos ou lembranças.

1.2 Principais ideias sobre pessoas, personagens e narradores

A respeito do ser fictício, Brait (1985) revela que há uma confusão ao tentar definir personagem e pessoa. Esta confusão pode ocorrer até mesmo sabendo que não são reais, mas o autor constrói de uma maneira que nos convence desta suposta realidade na medida que nos identificamos com algum personagem a tal ponto de sentir empatia, carinho e até mesmo raiva. Quantas vezes não ouvimos falar de algum ator/atriz que foi insultado na rua por exercer um papel de malvado em alguma novela? É natural estes sentimentos, pois, o autor construiu a narrativa de modo tão perfeito que nos faz mergulhar nessa realidade criada.

Além disso, é importante ressaltar que as personagens não existem fora das palavras e apontam para realidade de tal modo que para desvendar os mistérios por volta destes seres representantes é preciso levar em consideração “a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção” (BRAIT, 1985, p. 11).

Adiante, percebe-se que a foto serve para reproduzir a imagem de alguém, mas não é a pessoa em si, sendo uma forma de representar o mais real possível um ser. Com isso, o produtor busca elementos necessários para reproduzir uma foto e aproximar ao máximo à realidade. Este meio de reproduzir a imagem pode ser feito através do retrato três por quatro em que é usado para documentos oficiais como a carteira de identidade, carteira de trabalho, carteira de habilitação, passaporte, entre outros, pois, apresenta um formato padrão em que o indivíduo precisa ficar com a coluna reta, cabeça virada para frente e usar uma roupa composta. Todos esses elementos servem para captar a informação de que a foto tirada é o mais próximo possível do ser retratado, mas não é a pessoa de fato. Por exemplo, a fotografia de uma mulher sentada em um balanço da praça no parque por mais que não seja visível diferenças entre o retrato e a moça não podemos afirmar que são os mesmos e sim que são semelhantes.

Quando lemos um romance, por exemplo, os acontecimentos e as personagens tornam-se tão próximos da nossa realidade que parecem seres de carne e osso, mas são criadas por

alguém, ou seja, é uma simulação do real e isso fica claro quando Brait (1985) cita o segundo parágrafo do livro *O Ateneu*, de Raul Pompeia como exemplo:

2.º § Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomençar com artigos de última remessa; o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios. (POMPÉIA *apud* BRAIT, 1985, p. 20).

Neste fragmento observa-se que o Ateneu é apresentado como um lugar de prestígio através do sentido implícito no texto do adjetivo grande e afamado, isto é o objetivo não era expor o tamanho da escola, mas sim aquilo que o colégio representou na época. A preferência dos pais em escolher este ambiente escolar invés de outro, cria a imagem de um lugar que oferece uma boa educação. Estes elementos usados apontam diretamente para o personagem diretor na medida que utiliza o verbo mantido para informar ao leitor que se o colégio é tão bom é porque tem um gestor que soube conduzi-lo com maestria. Com isso, fica implícito que o narrador usou esses artifícios para criar a imagem do personagem simulando uma realidade.

Assim, diante do que vimos entende-se que um autor fotográfico, através do retrato reproduz cópias semelhantes ao real podendo também inventar a ideia de uma imagem para atingir algum propósito. Algo parecido ocorre com o pintor quando pincela na tela a miséria do sertão transpondo para o papel a realidade criada que não reproduz apenas imagens, mas ideais. Ocorre o mesmo com o escritor que escreve no papel sobre um assunto através da invenção e consegue ir além das páginas escritas alcançando o mundo exterior.

Para mais, Brait (1985) mostra que o escritor para criar uma história recorre a recursos que podem ser retirados de suas vivências, de algum sonho ou até mesmo da imaginação, sendo o texto um dado principal e concreto que podemos extrair todos os artifícios usados pelo autor. Assim, a autora apresenta alguns pontos de vista da narrativa que veremos nos próximos parágrafos.

O primeiro ponto de vista é do narrador como uma câmera em que narra em terceira pessoa, descreve os sentimentos da personagem, os pensamentos, mesmo estando fora da história. Através da habilidade criadora dar credibilidade a narrativa pelas aventuras dos personagens tornando-os verossímeis, pois se uma ação é impossível aos nossos olhos o sentido perde-se no vazio e na falta de confiança do leitor.

Além do mais, a câmera capta a construção dos personagens na medida que faz combinações, apreende descrições, o diálogo e traços dos seres fictícios que percorrem pela trama e isso pode ser visto no fragmento da obra *The glass Key (A chave de Vidro)*, citado por

Brait (1985), expondo uma conversa entre duas pessoas. Este trabalho com a linguagem é um fator importante, uma vez que é por meio dela que o narrador mostra as figuras que estão sendo construídas descrevendo minuciosamente cada um dos participantes:

— Oh, você por aqui. Era um homem de quarenta e cinco anos, alto como Ned Beaumont, mas com uns vinte quilos a mais, sem flacidez. O cabelo, claro, partia-se no meio, emplastrado na cabeça. Tinha um rosto bem proporcionado, com aspecto sadio, corado e robusto. As roupas escapavam do berrante pela qualidade e pelo modo como ele as usava. (HAMMETT, 1984 *apud* BRAIT, 1985, p. 57).

No trecho acima é visível que o narrador aponta características do personagem de maneira a desvendar o sexo da pessoa através do uso dos adjetivos masculinos “homem”, “alto” e do pronome pessoal do caso reto “ele”; nos é revelado que se trata de uma pessoa com peso elevado por meio da comparação com um outro personagem (Ned Beaumont) e também ao expor o formato do rosto proporcionado e robusto, ou seja, um rosto volumoso como o corpo. Ao citar a tonalidade da cor do cabelo como clara e do rosto como corada (avermelhada) podemos deduzir que se trata de uma pessoa de pele branca. Em suma, todos esses detalhes são revelados e remetidos ao mundo que vivemos.

A segunda visão é apresentada por Brait (1985) como personagem câmera cujo narrador nos apresenta os acontecimentos em primeira pessoa, ou seja, todos os recursos usados por quem narra a história é dado na perspectiva do ser fictício. É válido lembrar que se a caracterização das personagens for baseada na capacidade do homem de conhecer a si mesmo, o resultado pode ser em personagens complexas, pois os humanos tem dificuldade em autoconhecimento na medida em que a insegurança, o medo e a vontade de ser aceito por todos leva a falta de conhecimento próprio.

Por fim, a terceira visão apresentada por Brait (1985) é a personagem como testemunha cujo narrador além de participar da história, apresenta os passos da personagem protagonista para chamar atenção do leitor e expor indiretamente tudo que o ser ficcional representa. E isso ocorre de maneira tão natural que para quem faz uma leitura rápida pode não se dar conta e nem conseguir separar o narrador da personagem, pois as falas se cruzam e se misturam. Além do mais, através de características como a feição, o jeito e o temperamento da personagem garantem privilégio para o leitor que se identifica com a figura espelhada.

Portanto, visto as reflexões tanto de Leite (2002) quanto de Brait (1985) diante do modo que o narrador pode direcionar a narrativa é que nós tentaremos analisar nos tópicos a seguir os segredos da personagem e dos elementos que o narrador se valeu para dar vida ao ser ficcional que transcende o texto e aponta para o mundo real.

2. ANÁLISE DOS OBJETOS DE ESTUDO

2.1 Os elementos da narrativa nas obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e “Teoria do Medalhão”

A análise que sucederá no decorrer desta pesquisa tem como *corpus* o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a) e o conto “Teoria do Medalhão” (1994 b). O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, foi publicado inicialmente em folhetins no ano de 1881. O romance é dividido em 160 capítulos curtos podendo ser lidos fora de ordem, já que tem aspecto fragmentado e nem sempre um capítulo é continuação do outro.

Tomando como base a primeira palavra do título do romance, *Memórias*, percebe-se que podemos entender Machado de Assis através da teoria da psicanálise freudiana: “Desse modo para a psicanálise existem conteúdos escondidos, não sabidos, na vida mental do indivíduo” (SILVA, 2012. p. 25), como foco fundamental para relatar o romance em questão, recorrendo ao recurso memorialista. Visto que Brás dando-se por morto precisa lembrar, buscar no seu inconsciente, histórias que ele trazia de sua vida de futilidades; e para isso era indispensável o uso da memória dele e enquanto gênero textual.

Além disso, observa-se que a ficção começa na dedicatória em que o autor constrói a narrativa cujo personagem dialoga com leitor como se estivesse elaborando a narrativa na hora: “e ainda agora me lembra” (ASSIS, 1994 a, p. 9), sendo algo que lembrou no momento que estava escrevendo o livro. É perceptível que o narrador faz comentários diretamente com o leitor ou para justificar-se ou para provocar: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas *Memórias Póstumas*” (ASSIS, 1994 a, p. 1), ou seja, fica claro que o livro está sendo dedicado ao verme e não para pessoas trazendo uma perspectiva cética sobre a humanidade. Em vista disto, a narrativa confirma sua visão e comportamento caprichoso.

Dessa forma, o primeiro capítulo apresenta-se de maneira que o narrador desconversa mais do que tece lançando dúvida a respeito de como começaria a contar sua história: desde o nascimento ou a partir da própria morte, porém decide narrar pelo fim enquadrando-se no enredo não linear, pois não apresenta a história sem quebras.

Com isso, um leitor desatento ao classificar a perspectiva do narrador do romance em questão poderia dizer impulsivamente que se trata da ótica de um narrador-protagonista cujo personagem principal narra a história de maneira limitada e misteriosa ao mesmo tempo que

participa dela (LEITE, 2002). Sendo um descritor limitado por não conhecer de fato o que se passa pela mente dos outros participantes da história. Decerto quem narra *Memórias* é o personagem central dos acontecimentos da história que Machado insere em primeira pessoa para romper com o ideal realista de que a terceira pessoa é a forma “perfeita” de narrar-se um enredo.

Por outro lado, o narrador machadiano não tem limites como veremos mais detalhadamente no decorrer deste estudo e por isso que afirmar apenas ser narrador-protagonista é insuficiente para abarcar toda complexidade. Outrossim, de acordo com as tipologias citadas por Leite (2002) que apresentamos no capítulo anterior desta pesquisa, podemos observar aspectos do onisciente intruso, pois mesmo não sendo narrado em terceira pessoa conhece os sentimentos, pensamentos das personagens e insere comentários durante a narrativa trazendo um enredo que ultrapassa passado, presente e futuro.

Ainda a respeito da maneira que a narrativa foi conduzida pelo narrador também podemos verificar que o relator de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a) narra em primeira pessoa, em certos momentos pelo viés da personagem câmera:

Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem. Vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que a presentificam e presentificam as demais personagens. Se essa forma de caracterização e criação de personagens for encarada do ponto de vista da dificuldade representada para um ser humano de conhecer-se e exprimir para outrem esse conhecimento, então seremos levados a pensar que esse recurso resulta sempre em personagens densas, complexas, mais próximas dos abismos insondáveis do ser humano. (BRAIT, 1985, p. 60-61).

Destarte, percebe-se que Machado cria um narrador-personagem, Brás Cubas, para trazer sob a ótica deste ser fictício todas as ações e acontecimentos de si mesmo e de todos que estão ao redor mostrando ser um participante complexo já que representa a sociedade brasileira trazendo costumes e ações pautadas na vontade e superioridade.

Sendo em primeira pessoa como foi supracitado, além de narrar também participa da história como protagonista morto e agora ressuscitou para trazer suas lembranças. E isso podemos perceber no seguinte fragmento [...] “Eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto-autor, para quem a campa foi outro berço” (ASSIS, 1994 a. p. 2). Com isso, o autor pode narrar sua vida sem precisar seguir as convenções sociais cujo fato de o narrador estar morto traz uma certa liberdade e ele mesmo expõe isso ao relatar que [...] “a franqueza é a primeira virtude de um defunto” (ASSIS, 1994 a, p. 35), ou seja, estando morto poderá falar abertamente.

Em seguida, no capítulo “O Emplasto”, Brás resolve criar um remédio, contudo o que nos chama atenção é que o objetivo real não era para ajudar o próximo, mas sim por vaidade e por capricho em se beneficiar do prestígio que a criação traria, pois, o próprio personagem expõe: “o que me influenciou principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas”. (ASSIS, 1994 a, p. 4), isto é, o prazer em ver o nome circulando entre os cidadãos.

A ideia de criar um remédio para se tornar uma espécie de celebridade foi longe demais ao ponto de deixar a corrente de ar entrar e pegar uma pneumonia que o leva à morte. No entanto, Brás já estava desistindo da vida, dado que relata: “No outro dia estava pior; tratei-me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência” [...] (ASSIS, 1994 a, p. 6), ou seja, não estava lutando para viver, acabou deixando de cuidar-se porque tudo o levaria para o vazio e dinheiro não preenche alma.

Logo depois, o autor nos apresenta o capítulo “Genealogia” em que podemos perceber que as origens de Brás foram escondidas perante à sociedade, já que o próprio nome Cubas foi gerado através do primeiro fundador da família Damião Cubas. Era uma pessoa muito humilde e trabalhadora que ao falecer deixou uma fortuna para o filho Luiz Cubas. Porém, essa verdade não era posta e o nome era fruto de uma história inventada sobre um herói cavalheiro que ganhou um grande prêmio “porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro [...] ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei Conde da Cunha” (ASSIS, 1994 a, p. 4-5). A partir daí torna-se claro que há preconceito por descender de uma pessoa que exerceu profissão simples e também divisão de classes em que a origem humilde é vista como algo negativo ainda que tenha sido através dela que foi herdado um grande dote que proporcionou uma vida de luxo para as gerações seguintes.

Adiante, a narrativa continua com acontecimentos anteriores a morte, como a visita de Virgília no período em que Brás ficou doente e estava prestes a morrer. Sendo assim, teve um delírio imaginando ser um barbeiro fiel, depois um empregado simples e pensou em um hipopótamo o levando para a origem dos séculos. Era um lugar cheio de neve, frio onde a natureza retinha o bem, o mal, a vida e a morte. Com isso, viu passando diante de seus olhos “uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos Impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas” (ASSIS, 1994 a, p. 11), que o faz sentir a intensidade da vida humana. O privilégio de tudo poder condicionado por uma vida social mais favorável leva ao querer insaciável.

Além do mais, esse delírio é o que Lígia chama de fluxo da consciência, visto que é a “expressão direta dos estados mentais, mas desarticulada, em que se perde a sequência lógica e onde parece manifestar-se diretamente o inconsciente. Trata-se de um "desenrolar ininterrupto dos pensamentos" das personagens ou do narrador.” (LEITE, 2002, p. 68), pois, no capítulo anterior Brás estava expondo algumas recordações do tempo em que o casal era jovem e no capítulo seguinte interrompeu a sequência para descrever algo que se passou em seu pensamento durante alguns minutos.

Outrossim, no capítulo “Naquele dia” o narrador nos apresenta o seu nascimento. Filho homem, pais de posses, as pessoas deslocavam-se para conhecer o recém-nascido. A festa de batizado luxuosa, tinha brinquedos de chocalho de lata, carrinhos de pau e mucamba como cuidadora, ou seja, tinha tudo que um membro da elite brasileira poderia usufruir. Porém, é no capítulo “O menino é pai do homem” que Brás expõe sua infância cheia de vontades e caprichos, pois, ainda com seis anos agrediu a escrava por ter lhe negado uma colher de doce e estragou a sobremesa só por pirraça colocando a culpa na escrava. O menino Prudêncio lhe servia de cavalo, pois, “punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia” (ASSIS, 1994 a, p. 15).

Assim, o pai permite que Brás cavalgue as costas da criança como se o garoto não fosse humano, e sim um bicho de estimação, e só o repreendia por causa das rebeldias na frente das pessoas, porém quando estavam sozinhos o tratava com mimos. E isso nos remete aos dias atuais. Quantas vezes não constatamos no supermercado uma criança fazendo pirraça por desejar um brinquedo? Ou ouvimos os pais dizerem que não sabem o que fazer com o filho rebelde. Por isso, a razão do título “O menino é pai do homem”, em virtude de o garoto fazer tudo que tem vontade sem ter um limite como se ele próprio fosse responsável por si mesmo e o pai dar beijos como punição dos atos.

Mais adiante, o narrador-personagem expõe a intenção política e de interesse da família de Brás na medida que produziram um jantar luxuoso com pratarias, castiçais para políticos, ministros, juízes visando comemorar a queda de Napoleão e mostrar para todos que o inimigo foi finalmente derrotado. O garoto como sempre queria muito um doce e começou a gritar e espernear-se: “Pedi em voz baixa o doce; enfim, bradei, berrei, bati com os pés. Meu pai, que seria capaz de me dar o sol, se eu lho (sic) exigisse [...]”. (ASSIS, 1994 a, p. 19) mostrando mais uma vez atitude caprichosa. Sendo assim, o rapaz não precisava pedir porque se ele fizesse pirraça o pai atenderia à vontade. Não bastando os gritos, ao ver Villaça, um homem casado e

visto de maneira respeitosa, com dona D. Eusébia, moça humilde, falou em tom de voz alta que os dois estavam se beijando na moita provocando um escândalo.

Quando Brás completa seus dezessete anos conhece Marcela, uma moça muito bonita, e se apaixona. Apesar de Machado não ter citado diretamente que a moça era uma espécie de prostituta de luxo, há alguns indícios que sugerem, tais eles como no momento em que o tio convida para [...] “uma ceia de moças, nos Cajueiros. Fomos; era em casa de Marcela”. (ASSIS, 1994 a, p. 22). Veja que a expressão uma “ceia de moças” dar ideia de que foram postas garotas e que estas eram servidas para diversão dos rapazes e tudo isso aconteceu na casa da mulher que Brás se apaixonou. Com isso, Machado coloca o amor pelo avesso, pois, invés de ocorrer naturalmente, é uma afeição comprada e não por ter sentimentos verdadeiros: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis” (ASSIS, 1994 a, p. 25), isto é, o carinho só durou até o momento em que estava ganhando algo financeiramente.

Ainda mais, devido às dívidas feitas para satisfazer e agradar seu grande amor, o pai lhe mandou para a Europa para estudar direito, conseguindo um diploma sem muitos esforços: “estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel;” (ASSIS, 1994 a, p. 31). Isso quer dizer que não houve dedicação para obter o conhecimento proporcionado durante o nível superior, e sim somente para agradar o pai, para as pessoas verem com bons olhos, obtendo apenas o diploma.

Além disso, em um dia comum Brás estava cavalgando e de repente o jumento deu uns pulos que o jogou no chão. Estava desgovernado, um almocreve iria passando e o ajudou salvando a vida. Para retribuir a bondade, olhou nos bolsos que havia cinco moedas de ouro, mas pensou bem e considerou um valor muito alto a ser dado a um rapaz tão humilde que nunca vira uma moeda de ouro. Então decidiu dar apenas algumas pratas e ainda assim se arrependeu por dar esse valor, pois estava pagando demais como podemos observar no seguinte trecho:

Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vinténs que eu devera ter dado ao almocreve, em lugar do cruzado em prata. Porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício; acresce que a circunstância de estar, não mais adiante nem mais atrás, mas justamente no ponto do desastre, parecia constituí-lo simples instrumento da Providência; e de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum. (ASSIS, 1994 a, p. 33).

Com isso, é visível que o personagem tenta reduzir ao nada a ação do pobre moço que lhe salvou a vida, colocando-o numa posição de inferioridade como se o modo como o rapaz estava vestido e por não pertencer à elite tivesse alguma obrigação de salvar sua vida. Essas

atitudes nos apresenta a figura de um personagem não só cheio de caprichos, mas também egoísta e indiferente com o povo mais pobre.

Com o diploma em mãos, o filho rico continuou a vida de curtição. Em decorrência da grave doença da mãe, o pai pediu-lhe para voltar. A genitora acaba falecendo e após uns dias de luto, o genitor ofereceu um projeto: casamento e um cargo de deputado. Tentou convencer o filho de que era o melhor caminho dando exemplos de pessoas conhecidas. A moça era Virgília, filha de uma grande influência política chamado Dutra.

Depois, conhece a filha de D. Eusébia e se encanta por ela inicialmente: “[...] ao pé dela sentia-me bem, e ela creio que ainda se sentia melhor ao pé de mim” (ASSIS, 1994 a, p. 45), porém, ao descobrir que a menina era coxa não a viu mais com os olhos de antes e o fato de ter uma posição melhor socialmente e fisicamente não aparentar “defeitos”, considerava-se superior a ela e aproveitou-se para beijá-la mesmo sem intenção de casar-se: “eu com os olhos de 1814, na moita, no Vilaça, e a suspeitar que não podias mentir ao teu sangue, à tua origem...” (ASSIS, 1994 a, p.45). Veja que no trecho supracitado há dois aspectos importantes em que um deles diz respeito à Eugênia ser fruto de um relacionamento fora do casamento, por isso Brás a trata como inferior, e o outro aspecto é a questão de em algum momento voltar a um capítulo anterior.

Alguns dias depois Brás é apresentado a Virgília. Os dois tem uma simpatia recíproca, mas ainda não havia sentimentos. Certo dia, Lobo Neves aparece e é o escolhido para casar com a garota, pois havia apoiadores mais influentes e Brás não deu importância. Como se pode ver: “Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família” (ASSIS, 1994 a, p. 52). Nesse sentido, observa-se que o protagonista não é um herói com atitudes para lutar por um objetivo, e sim uma pessoa fraca ou talvez por não ter necessidade de correr atrás já que nasceu rico.

Com o passar do tempo o pai de Brás morre e os irmãos que eram tão amigos acabam brigando devido à herança, visto que não conseguiram consenso. Só tinha apenas oito dias de falecido e Cotrim, esposo de Sabina, estava comentando sobre o valor da casa. Apesar de ser uma quantia considerada em bens e dinheiro, isso não impediu a discussão porque cada um desejava levar mais vantagens do que os outros.

Além disso, percebe-se que Brás também é invejoso, como Luís Dutra tinha melhor desenvoltura com a escrita, ele tentava convencê-lo de todas as formas que não era nada produtivo arranjando uma maneira de desmotivá-lo. Um instinto competitivo, mas que não era claro, pois, agia semelhante a uma cobra à espreita esperando uma oportunidade para atacar como podemos verificar na passagem a seguir: “Minha intenção era fazê-lo duvidar de si

mesmo, desanimá-lo, eliminá-lo. E tudo isto a olhar para a ponta do nariz...” (ASSIS, 1994 a, p. 56). Com isso, é indubitável que o personagem poderia esforçar-se, conseguir algo por mérito próprio, todavia preferia valer-se de trapanças e de coisas vazias como colocar um anúncio para encontrar o dono de uma moeda achada. À primeira vista aparenta ser um gesto descente, pois é dever do cidadão devolver o objeto que não o pertence. Por outro lado, a devolução só ocorreu pelo fato de ter sido visto por outras pessoas.

Desse modo, quando o almocreve lhe salvou a vida deu apenas uma prata como recompensa, mas o ato de procurar o dono da moeda encontrada para ele foi uma ação moral: “o meu ato era bonito, porque exprimia um justo escrúpulo, um sentimento de alma delicada. [...] revia-me nele, achava-me bom, talvez grande” (ASSIS, 1994 a, p. 59), ou seja, acreditava ser a melhor pessoa do mundo sendo que devolver algo que não nos pertence é uma obrigação. A questão é que só devolveu porque as pessoas estavam vendo, mas quando encontrou cinco contos embrulhado resolveu ficar com o dinheiro porque “É certo que não havia ali nenhuma testemunha externa” (ASSIS, 1994 a, p. 60).

Adiante, Virgília casa-se com Lobo Neves e Brás os encontra novamente, entre uma valsa e outra acabaram se apaixonando. E isso nos chama atenção, pois, este personagem teve oportunidade de casar-se com Virgília, mas não deu muita importância, quando se torna proibida pelo laço matrimonial instiga querer ainda mais. Porque não escolher uma moça solteira? Brás é movido pelo querer momentâneo e para ele não importava se era algo imoral, dado que homem, rico, se as pessoas descobrissem o caso amoroso a culpa recairia sobre a mulher. Então, arranjava argumentos para explicar o interesse do momento: “Disse eu comigo que já agora seria o que Deus quisesse. Era a nossa sorte amar-nos” (ASSIS, 1994 a, p. 64).

Certo dia, o personagem-narrador encontra um velho conhecido da infância (Quincas Borba) que tinha situação financeira agradável, porém agora estava vestido com roupas largas faltando botões, muito magro, vivendo nas ruas e sem almoçar. Borba pediu dinheiro para Brás que tirou da carteira uma nota bem generosa no valor de cinco mil-réis. O velho amigo abraçou-o com rapidez e acabou roubando-lhe o relógio. Ao perceber que foi roubado pelo colega antigo ficou refletindo sobre o episódio: “A necessidade de o regenerar, de o trazer ao trabalho e ao respeito de sua pessoa enchia-me o coração; eu começava a sentir um bem-estar, uma elevação, uma admiração de mim próprio...” (ASSIS, 1994 a, p. 68). Nessa passagem observa-se que o narrador é hipócrita, visto que os bens que tinha não era fruto do trabalho, mas, porque nasceu rico e se achava o máximo por querer ensinar ao colega a moral, os bons costumes que ele próprio não tinha.

Mais tarde, Brás propõe à sua amada fugir para um lugar distante antes que o marido descubra que os dois estão tendo um caso sem pensar que para qualquer lugar que fossem Lobo Neves iria atrás por conta do filho. A verdade é que o protagonista não se importava em deixar o filho de Virgília nem as consequências que isso poderia trazer para sua grande paixão, pois não suportava observar o esposo da moça feliz e a tratando com carinho e amor.

Destarte, como na realidade no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a) não diferiria no que concerne aos vizinhos que gostavam de observar a vida dos outros, como a baronesa X, que segundo o narrador: “A baronesa era uma das pessoas que mais desconfiavam de nós. Cinquenta e cinco anos, que pareciam quarenta, macia, risonha, vestígios de beleza, porte elegante e maneiras finas.” (ASSIS, 1994 a, p. 73) em que uma vez e outra fazia uma visita para sondar; o Viegas, um senhor que vivia doente, mas com os olhos bem abertos; e Luís Dutra, que antes Brás o tratava com desprezo e queria eliminá-lo como citado anteriormente, mas agora era obrigado a elogiar os poemas e apresentá-lo a outras pessoas para que de alguma maneira se sentisse agradecido ao ponto de nunca os denunciar.

Sendo assim, para evitar o falatório resolve se encontrar em uma casa na Gamboa deixando sobre os cuidados da senhora Dona Plácida. Porém, Brás usa de argumentos para convencer a senhora acobertar o relacionamento extraconjugal e realizar seus caprichos, pois, no início Dona Plácida não aceita a casa, não analisa a situação com bons olhos. Vivia “séria” e “carrancuda” e Brás a tratava bem, ou seja, iria ajeitando gradualmente a senhora: “Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança” (ASSIS, 1994 a, p.102). Dessa maneira inicia-se uma tentativa de convencer a pobre senhora.

Tempo depois, ao conseguir a confiança de Dona Plácida, Brás contava histórias de amores com Virgília e com um tempo eles tornaram-se mais íntimos, como recompensa ele paga-lhe cinco contos de réis:

Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, - os cinco contos achados Botafogo, - como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo. (ASSIS, 1994 a, p. 102).

Assim, percebe-se que as moedas que Brás entrega para Dona Plácida é uma forma de pagamento por ela ter aceitado não só a casa, mas também acobertar o adultério e passar por cima de sua moral e ética, visto que a pobre senhora não tinha muitas opções, “[...] Trabalhava muito, queimando os dedos ao fogão, e os olhos ao candeeiro, para comer e não cair” [...]

(ASSIS, 1994 a, p. 80) e se não aceitasse acabaria na rua pedindo esmolas. Mesmo sabendo que a mulher teve uma vida sofrida, o narrador-personagem se aproveita da situação para a submeter as suas vontades.

Em seguida, Lobo Neves aceita uma proposta para ser presidente da província, a esposa e o amante ficam desesperados porque teriam que se separar. Até que o esposo ofereceu o cargo de secretário para Brás. A separação foi um alarme falso na medida em que o futuro presidente desistiu por ocorrer no dia de um número que representava azar. Depois de um tempo, veio a ideia de que Virgília poderia estar grávida e mesmo sabendo que poderia ser filho do esposo dela, não importava, pois seria uma criança e isso o faria sentir-se homem. Isso porque naquela época e até mesmo atualmente um bebê do sexo masculino acaba sendo a preferência dos pais e o destino é traçado sempre o mesmo para todos como podemos observar no trecho: “então traçava a beca de bacharel, porque ele havia de ser bacharel e fazia um discurso na Câmara dos Deputados” (ASSIS, 1994 a, p. 95), como se não houvesse nenhuma outra profissão além do caminho jurídico e político.

Adiante, chegou uma carta anônima denunciando o casal, Virgília conseguiu conter-se as emoções sem causar suspeitas de que estava mentindo, mas surgiu um empecilho na vida de Brás. Era o Conde B.V que fazia parte da delegação da Dalmácia e teve um caso de três meses com a moça. Então, ocorreu uma revolução sangrenta que eliminou várias pessoas inclusive o conde. No entanto, Brás não se importava com as consequências da rebelião segundo ele “toda a gente fremia de indignação e piedade... Eu não; eu abençoava interiormente essa tragédia, que me tirara uma pedrinha do sapato. E depois a Dalmácia era tão longe!” (ASSIS, 1994 a, p. 103-104). É visível que o narrador-personagem é incapaz de ter empatia e compaixão pelo próximo. O objetivo era eliminar o inimigo mesmo que outras pessoas tenham que pagar por isso.

Em seguida a irmã de Brás, Sabina, repreende o irmão de que já chegou a hora de casar-se e construir uma família. Então lhe arranja uma noiva, a filha de Damasceno, Eulália. O narrador aceita, mas acha a família da moça inferior pelo fato de o pai da garota gostar de apostas, pois afirma que ela tenta disfarçar a inferioridade: “[...] dava-se ao esforço de mascarar a inferioridade da família” (ASSIS, 1994 a, p. 117). Embora acreditasse que a moça tinha uma família inferior à dele, fazia parte da elite e não tinha deficiência como Eugênia e aceita cortejar a moça. Entretanto quando tudo parece ir bem, a noiva morre muito jovem.

Destarte, o narrador personagem nos apresenta que se torna deputado, mas a carreira política não vai adiante porque ainda que quisesse muito exercer o ofício, o sentimento não era da paixão pelo poder como Bonaparte, e sim um capricho sem nenhum propósito. O mesmo ocorre quando resolve fundar o jornal de oposição e derrubar o ministério. Porém, não era para

fundar algo bom para o povo, e sim por orgulho, pirraça por perder o cargo de deputado. Logo em seguida, ele recebe uma carta de Virgília pedindo para fazer uma visita à Dona Plácida que estava passando por maus momentos. Mesmo a senhora tendo lhe servido com tanto carinho, só aceitou visitá-la por ser um pedido da amada. Já que o caso extraconjugal acabou a senhora não tem mais serventia.

Dessa forma, o narrador personagem finaliza a narrativa com um capítulo que apresenta as não realizações. Não conseguiu a fama almejada com a criação do emplasto, não se casou, não teve filhos, não conseguiu o ministério e o jornal não teve sucesso. Tudo isso porque nunca precisou trabalhar e pôde usufruir do patrimônio com coisas vazias que não deram em nada.

Outrossim, no que concerne ao espaço descrito no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a), observa-se que aparenta ser físico por relatar lugares que podem ser vistos, porém, é psicológico, pois, está relacionado às lembranças, todos circunscritos à cidade do Rio de Janeiro. Outro momento é quando se lembra de uma festa de São João na Tijuca (bairro) há vinte anos, podemos perceber também na seguinte passagem: “Chegando ao Rio de Janeiro a notícia da primeira queda de Napoleão, houve naturalmente grande abalo em nossa casa, mas nenhum chasco ou remoque” (ASSIS, 1994 a, p. 17), isto significa que o relator traz o lugar que não são palpáveis, pois, os elementos são trazidos do pensamento.

Quanto ao tempo da narrativa é importante destacar que embora apresente em alguns momentos a marcação em dias e horas como no fragmento em que mostra o momento que morreu: “expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869” (ASSIS, 1994 a, p. 3), não podemos classificar a obra como cronológica, posto que o tempo predominante é trazido pelas memórias do narrador, caracterizando assim em tempo psicológico, sendo um texto marcado pelas lembranças e emoções sentidas pelo personagem.

Assim, o pensamento não ocorre de maneira linear e trafega pelo passado, presente, futuro, indo e voltando na história como podemos perceber no instante que o narrador relata que Virgília estava de preto e “ali ficar durante um minuto, sem ânimo de entrar “[...] contemplei-a durante esse tempo” (ASSIS, 1994 a, p. 7), e continua explicando que via a moça não como era naquele hora, mas, a olhava como nos tempos anteriores “[...] porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis” (ASSIS, 1994 a, p.7). Dessa forma, torna-se evidente que o minuto relatado foi o período sentido pelo personagem que lembrou do tempo das aventuras com a mulher casada. Com isso, finalizamos aqui os levantamentos dos caprichos de Brás Cubas e nos parágrafos seguintes iniciaremos sobre os caprichos de Janjão.

Em relação ao outro objeto de análise, o conto “Teoria do Medalhão” (1994 b) foi lançado em 1881 e inicia-se com uma narrativa linear, visto que não apresenta quebras durante

o enredo nem volta no tempo seguindo cronologicamente. A história é apresentada em forma de um diálogo entre o pai e o filho quando o rapaz completa vinte e um anos e o seu genitor quer que o seu descendente tenha uma carreira brilhante. Para ele não basta que o filho siga uma carreira no parlamento, ser diplomata, obter posição no magistério ou no comércio, pois, considera insuficiente, sendo o ofício de medalhão os planos do pai para o filho de modo a alcançar o ponto máximo que uma pessoa pode chegar.

Em seguida, o genitor explica estratégias de chegar ao “nobre ofício”. Um desses métodos é que o filho “[...] podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas idéias (sic) próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As idéias (sic) são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se.” (ASSIS, 1994 b, p. 3), ou seja, ter suas próprias concepções podem levá-lo ao erro. Além disso, o genitor aconselha reduzir o intelecto recorrendo a jogos como o bilhar que não precisa pensar tanto para ganhar o jogo. Apesar de a biblioteca ser um lugar de conhecimento, de pesquisar e trocar informações com outras pessoas potencializando os saberes, o pai auxilia ir à livraria somente para ouvir fofocas ou alguma calúnia.

Logo após, o herdeiro interrompe com um gesto de surpresa dizendo que isso era o diabo, porque era assumir várias personalidades, ser de duas caras e não mostrar realmente sua face. Dessa forma, era importante trazer “[...] as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública [...] cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo.” (ASSIS, 1994 b, p. 4), isto é guardar na memória as frases de efeito que a população gosta visando surpreender as pessoas e atrair o público para que todos saibam, conheçam e com isso conseguir a fama tão desejada tornando-se uma celebridade, pois os benefícios de ser famoso vai além de dinheiro. Quantas vezes não vimos um famoso ser convidado para um jantar e não precisar pagar? Ou vestir uma roupa para divulgar marca sem a necessidade de reembolsar a roupa.

Outros conselhos são produzir leis que não precisam ter utilidade, apenas para que o autor da norma ganhe algum mérito. Para isso deve evitar a ironia que traz a ideia de mistério, mas usar piadas, decorar as coisas que já ouviu e apenas repetir sem pensar, pois “Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir”. (ASSIS, 1994 b, p. 6). Com isso, aconselha a pegar tudo pronto sem nenhum esforço, visto que as pessoas da elite já têm boas condições financeiras.

Quanto ao narrador, observa-se que o texto é todo escrito de maneira direta com diálogos entre pai e filho, ou seja, não há um narrador que conte a história. Com isso, de acordo

com as categorias de Lígia podemos dizer que “eliminam-se os estados mentais e limita-se a informação ao que as personagens falam ou fazem, como no teatro, com breves notações de cena amarrando os diálogos. Ao leitor cabe deduzir as significações a partir dos movimentos e palavras das personagens.” (LEITE, 2002, p. 58). Veja, que a narrativa é conduzida conforme os participantes seguem trazendo as informações ao leitor ocorrendo mais ou menos o que acontece nas novelas que não tem uma pessoa narrando a história, mas podemos acompanhar as ações e as falas dos participantes.

No que concerne ao tempo podemos caracterizá-lo como cronológico marcando o momento em que houve o diálogo: teve a comemoração do aniversário de Janjão após sair o último convidado dá início a conversa.

Em relação ao espaço não é claro, mas deixa a entender que ocorre no quarto, pois, no final da narrativa o pai interrompe para irem dormir ao expor: “Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde” (ASSIS, 1994 b, p. 7), podendo ser tanto físico quanto psicológico. No primeiro caso, sendo um quarto é algo que pode ser visto e verificado, é material. No segundo caso, em um fragmento o pai traz recordações do período em que tinha o desejo de ser medalhão, transportando-se para o espaço de lembranças: “Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, [...]” (ASSIS, 1994 b, p. 2). Em outras palavras, apresentando os desejos de que seu pai também o aconselhasse.

Assim, Assis (1994 b) usa a figura de uma pessoa da elite em que traz os ensinamentos para o filho, Janjão, para criticar uma sociedade que valoriza as aparências e não se importa com relações sinceras, mas sim pautadas na falsidade e nos privilégios independentemente do preço que pode custar para conseguir a glória. Além disso, há presença do cinismo, pois estes auxílios do pai dando a impressão de que é o melhor caminho para o filho são reprovados pela sociedade.

2.2. Principais fatores contribuintes para o comportamento caprichoso de Brás Cubas e Janjão

Diante do que foi exposto nesta pesquisa, podemos perceber alguns aspectos semelhantes nas duas obras em questão. Entre tais: a presença dos pais como principais influenciadores na personalidade dos personagens Brás Cubas, no romance *Memórias* (1994 a) e Janjão, no conto “Teoria do Medalhão” (1994 b). Ambos intérpretes pertencem à elite brasileira e há um desejo em tornar-se celebridade. No romance vimos que no capítulo “O

emplasto”, Brás criou um remédio para que curasse a melancolia, porém o objetivo maior era que o nome dele percorresse e fosse visto por toda a sociedade, pois, “[...] tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas (ASSIS, 1994 a, p. 4), isto é, ouvir o nome dele com agitação pelas ruas e ter o reconhecimento até mesmo pelos astutos.

Além disso, no capítulo “A genealogia” aponta que o pai de Brás fez tudo para ocultar a origem da família em que inventou uma história que o nome Cubas, “o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros” (ASSIS, 1994 a, p. 5). E isso assemelha-se com o conto à medida que precisa fingir perante à sociedade para poder manter as aparências. Damião era uma pessoa que venceu na vida através do suor do trabalho, fazia de tudo um pouco, era tanoeiro e também lavrador, foi construindo seu patrimônio gradualmente. O genitor de Brás usa a mesma estratégia que o pai de Janjão aconselha para o filho tornar-se medalhão.

Destarte, é no capítulo “O menino é pai do homem” do romance em questão em que fica mais clara a relação de influência do pai sobre o filho, pois o garoto sempre fez travessuras e era conhecido como o menino diabo como podemos observar no fragmento que o narrador expõe: “fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso” (ASSIS, 1994 a, p. 15). Tendo isso como exemplo de influência familiar no comportamento da personagem, podemos afirmar que o mesmo ocorre em “Teoria do Medalhão”, visto que o genitor auxilia ao filho que é preciso “[...] lançar mão de um regime debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc. O voltarete, o dominó e o whist são remédios aprovados.” (ASSIS, 1994 b, p. 3) para que progressivamente o indivíduo diminua a inteligência. Veja, aconselhar uma pessoa a não ter intelecto não parece ser lógico, mas o que Machado faz é mostrar de maneira irônica que os pais ensinam aos filhos desde jovens que não precisam ser inteligentes para conseguir ascensão social se a pessoa nasceu no meio que já traz privilégios, basta fingir que sabe.

No capítulo “Um episódio de 1814”, observa-se que há um interesse político, pois é organizado um jantar logo após a queda de Napoleão Bonaparte, mas não foi um jantar qualquer. Foram retiradas as melhores peças de prata para que os convidados se sentissem à vontade e para impressioná-los. Todo esse cenário era por interesses na política, nos benefícios que poderiam conseguir. Então, falavam sobre a quantidade de negros que estavam prestes a chegar como se nota no trecho a seguir: “O que afiançava é que podíamos contar, só nessa viagem, uns cento e vinte negros, pelo menos.” (ASSIS, 1994 a, p. 19). Enfim, era um jantar de negócios. Dessa forma, no conto “Teoria do Medalhão” também mostra que o pai incentiva Janjão a participar de jantares políticos e a copiar os discursos prontos.

Por outro lado, em *Memorias Póstumas* (1994 a) por tratar-se de um romance e ter uma estrutura mais complexa, apresenta outras influências no comportamento do herdeiro, diferenciando-se assim de “Teoria do Medalhão” (1994 b) em que aparece de maneira explícita apenas a influência do pai. Com isso, no romance é visível que João, tio do garoto:

Desde os onze anos entrou a admitir-me às anedotas reais ou não, eivadas todas de obscenidade ou imundície. Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão; [...] a palestrar com as escravas que batiam roupa; aí é que era um desfiar de anedotas, de ditos, de perguntas, e um estalar de risadas, que ninguém podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa. As pretas, com uma tanga no ventre, a arregaçar-lhes um palmo dos vestidos, umas dentro do tanque, outras fora, inclinadas sobre as peças de roupa, a batê-las, a ensaboá-las, a torcê-las, iam ouvindo e redargüindo às pilhérias do tio João [...] (ASSIS, 1994 a, p. 16).

Nesse sentido, chama-nos atenção o fato de Brás ter apenas onze anos de idade e o tio inicia a arte de ensinamentos que não condizem com a idade do rapaz incentivando-o a se engraçar com as moças desde cedo. É claro que para a sociedade machista um adolescente do sexo masculino é visto como homem que para afirmar essa masculinidade muitas vezes é levado a iniciar a vida sexual de maneira precoce. A influência começa desde a forma estrutural que a nossa sociedade é composta, pois se Brás fosse do sexo feminino o tratamento do tio João poderia ser outro.

No que concerne ao outro tio, Ildefonso, era um cônego que seguia as regras da igreja sem enxergar as partes importantes do santuário, e sim os benefícios que este trazia. Gostava de participar dos rituais vestindo as roupas do ofício e curvando-se nos momentos de necessidade sem que houvesse real espiritualidade, tornando-se uma pessoa vazia.

A única pessoa que poderia contribuir positivamente na educação de Brás era a D. Emerenciana já que o pai como foi exposto anteriormente sempre justificava os erros do filho e a “[...] mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido” (ASSIS, 1994 a, p. 16), apresentando ser uma mulher que não tinha o vigor para educar o filho dando-lhe amor e carinho sem disciplina. No entanto, a tia materna não viveu o suficiente para direcionar a educação do garoto rebelde.

A maneira na qual o garoto trata a escravizada agredindo-a e o menino Prudêncio o colocando freio igual a um cavalo, vistos anteriormente no subtópico elementos da narrativa, deixa claro que “[...] a escravaria oferece campo propício às brutalidades e caprichos do Brasinho, que aliás atingem também as visitas da casa, cuja reação complacente possivelmente se deva à proeminência da família Cubas” (SCHWARZ, 2000 b, p. 83) sendo outro fator

contribuinte para a conduta do rapaz. Isso implica dizer que o comportamento caprichoso faz parte do ambiente familiar em que o moço está inserido.

Assim, entendemos que há todo um contexto para o herdeiro comportar-se de tal modo. Como nos apresenta Schwarz (2000 b) são influências do naturalismo em que o narrador descreve exatamente a realidade, expondo que o sujeito é determinado pelo fator da hereditariedade, posto que a falta de repreensão por parte dos pais e o incentivo de parentes mostram que as características de Brás também são traços de seus ascendentes e foram transmitidos por eles. Não é acaso que o garoto sempre agiu com superioridade perante as pessoas. A exemplo disso, nota-se que ao elaborar um jantar luxuoso em comemoração à queda de Bonaparte, as pessoas nas quais foram convidados eram pertencentes a elite: “o juiz-de-fora, três ou quatro oficiais militares, alguns comerciantes e letrados, vários funcionários da administração, uns com suas mulheres e filhas [...]” (ASSIS, 1994 a, p. 18) buscando uma forma de mostrar supremacia diante da situação.

2.3 O narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: volubilidade e superioridade

No livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a) percebe-se que o narrador compara o ato de contar a morte com o personagem bíblico Moisés fazendo uma brincadeira de mau gosto em que Schwarz (2000 b, p. 16) aponta que a “[...] satisfação maligna de rebaixar e vexar, de anunciar que os deslantes do narrador não vão se deter diante de nada, que não ficará pedra sobre pedra, o que para ele constitui uma superioridade ou inferioridade, não se sabe bem”, apresentando um descritor sem limites que atua como bem quer e torna um assunto importante como algo banal, já que Moisés como sabemos foi de suma importância para história dos hebreus sendo referência e exemplo de ser humano.

Com isso, também podemos identificar que essa forma de conduzir a narrativa convoca o leitor a pensar, refletir e criticar o comportamento do personagem que de acordo com Schwarz (2000 b, p. 18): “É Brás quem obriga ao juízo moral, ao mesmo tempo que não faz caso dele, armando uma situação desregrada e normativa, de inviabilidade moral em permanência, ou também de prepotência impune”, mostrando ao leitor através da conduta do ser representado que não é correto agir de tal modo. Apesar dos atos serem considerados errados para a sociedade, nunca é punido e não se importa com o que podem pensar dele.

Dessa forma, o narrador oscila o tempo todo de maneira que Schwarz (2000 b, p. 22) aponta algumas alternâncias que ocorrem no livro em questão. Uma delas decorre “do Estrito ao digressivo”: o movimento está presente no capítulo XXII em que Brás recebe uma carta de

súplica do pai sobre o estado doentio da mãe para que o filho volte o quanto antes para casa (Rio de Janeiro), iniciando uma história específica e no mesmo tópico insere um outro assunto – “Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou autor. Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões;” (ASSIS, 2000 b, p. 34) mudando totalmente de assunto marcando assim uma quebra intencional do conteúdo que estava falando anteriormente para trazer um novo elemento.

Outra oscilação observada ocorre “da palavra ao sinal” em que momentos a narrativa flui escrita normalmente com uso de palavras, frases, parágrafos e textos. Por outro lado, em alguns capítulos é notável que as palavras são substituídas por pontuações como podemos observar nas imagens a seguir:

Figura 1: Pontinhos



Fonte: Assis (1994 a)

Figura 2: Diálogo com pontuações

CAPÍTULO LV / O VELHO DIÁLOGO DE ADÃO E EVA

BRÁS CUBAS.....?

VIRGÍLIA.....

BRÁS
CUBAS.....

.....

VIRGÍLIA.....!

BRÁS CUBAS.....

VIRGÍLIA.....?

.....

.....

BRÁS CUBAS.....

VIRGÍLIA.....

Fonte: Assis (1994 a)

Na figura 1 ocorreu a omissão de texto do narrador como uma forma de reafirmar a ideia de que não se tornou nada. Não tem palavras para explicar o fato de não ter se tornado ministro, dado que Brás apresenta interesse por algo cansando-se rapidamente do primeiro desejo. Essa ausência de palavras apresenta-se de maneira irônica, visto que ao introduzir o nome do capítulo, “De como não fui ministro d’ estado”, inicialmente nos leva pensar que descreverá algumas razões sobre não ter conseguido o cargo, mas o que vemos é o oposto, apenas pontinhos.

Na figura 2 observa-se que utiliza palavras omitindo algumas partes do texto. Por outro lado, é possível deduzir que os elementos omitidos poderiam se tratar de uma conversa amorosa de duas pessoas que se gostam, visto que o nome do capítulo, “O velho diálogo de Adão e Eva”, personagens bíblicos, tiveram um romance. Ademais, a quantidade de pontinhos, o tipo de sinal de interrogação mostra indícios de como poderia ter ocorrido a comunicação. Por exemplo, na primeira parte da fala de Brás tem poucos pontinhos e um sinal de interrogação o que implica dizer que fez uma pergunta curta. Em seguida, Virgília responde apenas com pontinhos curtos que fica implícito uma fala sem muita explicação. Após Brás dar uma explicação mais longa sobre o assunto em virtude de os pontos estarem em maior quantidade e assim sucessivamente até finalizar o diálogo.

Além disso, a mudança também ocorre “da progressão cronológica à marcha ré no tempo”, como vimos no subtópico anterior, “Os elementos da narrativa nas obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e Teoria do Medalhão”, o romance tem aspectos tanto cronológico

quanto psicológico e dentro da sequência lógica de acontecimentos o narrador traz o recurso literário para detalhar um assunto e isso vimos no capítulo XV no qual o protagonista expõe uma ideia: “Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer” (ASSIS, 1994 a, p. 25), isto é, volta ao capítulo antecedente para corrigir algo que foi dito sobre o sentimento de Marcela por Xavier tudo para apresentar uma ideia imoral e insinuar que a moça só o amou por conta das joias que recebia.

O deslocamento que passa “do comercial ao bíblico” acontece na medida que Brás encontra uma moeda em um baile quando estava dançando com Virgília e pensa em fazer um anúncio para devolver a moeda ou acionar a polícia. Essa atitude era apenas impulso público para impressionar a moça e as pessoas ao redor, dado que “o benefício que me daria na vida e na morte o simples ato da restituição.” (ASSIS, 1994 a, p. 59). Em contra partida, no capítulo seguinte o figurante encontra um embrulho misterioso com cinco contos de réis e decidiu ficar com o dinheiro, visto que não havia pessoas que testemunhasse o ato; “todavia não era crime achar dinheiro, era uma felicidade, um bom acaso, era talvez um lance da Providência.” (ASSIS, 1994 a, p. 60). Ao citar a providência tenta justificar o ato de não devolver um dinheiro que não o pertence afirmando ser uma força maior (Deus) que o fez achar.

Por fim, o processo que sucede é “do científico à charada” desenrola-se quando o pai de Brás tenta persuadi-lo para casar com uma moça de posses. O jovem ao refletir sobre a proposta do genitor começa a escrever em um papel: “arma virumque cano A Arma virumque cano arma virumque cano arma virumque arma virumque cano virumque” (ASSIS, 1994 a, p. 38) lançando palavras aleatórias formando um enigma. Ao continuar a charada tendo como ponto de partida as duas primeiras letras do nome virumque “[...] ia a escrever virumque — e sai-me Virgílio, então continuei: Vir Virgílio Virgílio Virgílio Virgílio Virgílio” (ASSIS, 1994 a, p. 38-39). Assim, desvendando o nome da suposta noiva, Virgília, cuja diferença está na última vogal.

Desse modo, com a oscilação descrita podemos considerar que o narrador assume várias faces. O que nos leva a crer que não é de confiança, pois confunde o leitor a todo momento ao mesmo tempo que não temos como verificar se está sendo verdadeiro tornando-se os indícios a única palavra. A respeito desses indícios, como vimos no primeiro capítulo desta pesquisa Brait (1985) deixa claro a importância de observarmos os meios que o narrador se valeu para construir o texto. Destarte, “Não faltam desejos, que são vivazes, ao passo que inexiste a continuidade de propósitos, o que vai bem com a personagem central, e se explica, pois o limite do capricho é o fastio” (SCHWARZ, 2000 b, p. 44), isto é, o narrador-personagem muda de comportamento de acordo com suas vontades e não tem um foco no qual conclua, dado que

antes de finalizar algo está entediado sentindo a necessidade de mudar a ideia primeira mostrando que “A sua superioridade consiste em não se dar jamais por achado, a olhos alheios ou aos próprios, e se afirma através da desidentificação sistemática de si mesmo, cuja contrapartida é a constante adoção de novos papéis, logo postos de lado por sua vez.” (SCHWARZ, 2000 b, p. 23), obtendo uma superioridade marcada pela falta de identificação causada por apresentar várias formas e não apenas uma.

A cada momento assume uma personalidade diferente de acordo com o seu querer, visto que “A passagem de uma estação a outra se faz pelo fastio, imprimindo ao movimento a marca do privilégio de classe [...] A volubilidade de Brás aparece, noutras palavras, como o reverso da exclusão de trabalho ou empenho autêntico, e como extensão da iniquidade social” (SCHWARZ, 2000 b, p. 42) que vem como consequência desse movimento de realizações caprichosas, pois, são as camadas vulneráveis que sustenta os luxos através do trabalho, sendo reafirmado na medida que no capítulo LXXV Brás expõe o motivo no qual Dona Plácida veio ao mundo:

— Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia. (ASSIS, 1994 b, p. 42).

Nesse sentido, observa-se que a vida da senhora sempre é voltada para o trabalho exploratório e essa posição torna-se necessária para sustentar a riqueza e os caprichos da elite e não obtém um final feliz porque quem leva uma vida de ocupação nunca é recompensado como se as pessoas mais pobres já nascessem predestinadas a não ser mais nada além de servir.

Dessa forma, Schwarz (2000 b) enfatiza o comportamento da vida burguesa em quatro viés: no estudo invés de dedicar-se para obter o conhecimento ou montar grupos para estudar temos uma época de festas, de diversões; na poesia na medida que tenta escrever algumas coisas, mas não vai em frente e sabota a ideia dos outros por inveja como foi exposto no tópico dos elementos da narrativa quando ocultava a opinião sobre os versos de Luís Dutra, primo de Virgília; na política faz discursos fúteis sem nenhuma importância para população sendo que poderia trazer alguma lei que beneficiasse o povo ou fizesse diferença real na vida das pessoas; na filosofia retrata ideias baseadas em brigas de galo trazendo a questão da soberania do mais forte sobre o mais fraco cujo ideal sempre é vencer independentemente de qualquer coisa; na ciência temos a invenção de um remédio que nada mais é que pura vaidade e uma iniciativa privada de gerar lucros ao mesmo tempo que tem seu nome como marca registrada percorrendo por todos os lugares; no amor é o único aspecto que parece ser legítimo apesar que do ponto de

vista romântico não é admirável, visto que o verdadeiro interesse só acontece depois que a moça se casa e confirma-se através de adultério.

Além do mais, Schwarz (2000 b) expõe que as relações estabelecidas entre Brás e o escravo judiado; Dona plácida sendo agregada e ter a figura do mesmo como um protetor; a moça fruto de um relacionamento fora do casamento e condições financeiras inferiores coincide aos galanteios do rapaz sempre ocupando o espaço ífero; Cotrim que tinha o apoio dele para fazer coisas ilegais como os fornecimentos da marinha na medida que justificava seus atos de crueldade ao expor que o cunhado era um pai amoroso e sofreu a morte da filha Sara tentando normalizar a conduta do parente. Outrossim:

[...] são situações (e vantagens) fundadas sobre escravidão e clientelismo, acompanhadas porém pela sombra — determinante — da norma burguesa oitocentista. Esta é que lhes dá a marca negativa, de coisa errada, causando o imbricamento de satisfação social e inviabilidade moral tão conhecido dos leitores de Machado [...] há aqui uma ideologia familista, calcada na parentela de tipo brasileiro, com seu sistema de obrigações filiais e paternais abarcando escravos, dependentes, compadres, afilhados e aliados, além dos parentes. Esta ideologia empresta familiaridade e decoro patriarcal ao conúbio difícil de relações escravistas, clientelistas e burguesas. A condenação liberal da sociedade brasileira, estridente e inócua, soma-se a sua justificação pela piedade do vínculo familiar, cuja hipocrisia é outra especialidade machadiana. (SCHWARZ, 2000 b, p. 46).

À vista disso percebe-se marcas próprias que fazem parte da estrutura da época que leva uma situação de dependência dos povos mais fracos nos quais necessitam curvar-se para obter algo de quem ocupa espaço de maior prestígio. Todos estão em volta do senhor proprietário de escravos e precisam manter as relações para extrair algum benefício (ou migalhas). E a marca negativa na qual o crítico expõe pode ser direcionada ao fato de que é repugnante o modo no qual os personagens Prudêncio, Dona Plácida e Eugenia são tratadas porque não são vistos como pessoas e sim como objetos que só tem serventia enquanto utilizáveis.

Destarte, é possível observar a relação de três classes da sociedade que Schwarz (2000 a) define como latifundiário, homem livre e o escravo. Ao primeiro denominamos aqueles que dominam o espaço de prestígio que Brás e a família ocupam, Virgília, Lobo Neve entre outros; ao segundo caracterizamos as pessoas que não são privados de liberdade, mas exercem relação de dependência com o latifundiário tais elas como Dona Plácida, Eugenia, D. Eusébia e Eulália; já o escravo são os indivíduos que não possuem liberdade e são vítimas da violência e dos caprichos do proprietário em que temos Prudêncio como exemplo de tal crueldade.

Com isso, essa classe populacional estabelece as relações através do favor cujo “exercício de sua profissão, o pequeno proprietário depende dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto [...] O favor [...] pratica a dependência da pessoa,

a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais.” (SCHWARZ, 2000 a, p. 16-17) nos quais vimos no decorrer dessa pesquisa na submissão de Dona Plácida em realizar serviços pessoais acobertando o adultério de Brás com Virgília assegurando o direito de ter uma casa ainda que não seja dela podia viver enquanto se fizesse necessária e o sustento através de moedas que ganhava com serviços.

Esta relação de favor também é visível entre os privilegiados na medida que o pai de Brás propõe ao filho: “[...] trago comigo uma idéia, um projeto, ou... sim, digo-te tudo; trago dois projetos, um lugar de deputado e um casamento.” (ASSIS, 1994 a, p. 37). Desse modo é visível que a proposta do matrimônio é uma forma de beneficiar ambas famílias: os pais de Virgília ganham um marido de posses garantindo proteção para filha e o grupo familiar de Brás consegue a garantia de um cargo político.

Quanto a hipocrisia citada por Schwarz é revelada através do conformismo de viver uma posição melhor a custo da exploração do outro e fingir ter virtudes ou sentimentos que na verdade não possui. E isso torna-se visível como bem vimos no episódio do almocreve que lhe salvou a vida, visto que no primeiro momento finge recompensar com uma moeda de alto valor sabendo que poderia ter dado muito mais, pois, estava com moedas de ouro e dar uma de prata, sendo que no final se arrepende por ter dado o cruzado de prata afirmando que deveria ter dado apenas vinténs (a moeda de menor valor que estava no bolso). A verdade é que o homem era uma pessoa humilde e o ajudou sem pensar em recompensas. Brás sabia disso e reduziu o ato de bondade para não dar uma moeda de valor e justificar a ação.

Olhando mais afundo para situação, percebe-se que Machado expõe que a sociedade brasileira da época não valoriza atos de bondade na medida que Brás reduz o valor da moeda também diminui a atitude de generosidade do rapaz cuja recompensa seria maior se quem deu assistência tivesse feito isso visando ganhar algo em troca.

Assim, “[...] Brás encarna perfeitamente o princípio da subjetividade moderna, que não acata limitações e se sabe intitulada à totalidade do que o mundo tem a oferecer de mais recente (no que o protagonista difere de um escravo, ou também de um agregado)” (SCHWARZ, 2000 b, p. 43), pois, o ceio estrutural em que se encontram o escravo e o agregado não permite que deleitem a vida e sim condiciona a viver ao trabalho tão mal pago que não traz perspectivas de ascensão. Basta observarmos o fim da vida de Dona Plácida para constatar a mediocridade dessas relações.

Portanto, Schwarz (2000 b) apresenta que há um padrão narrativo em Memórias que pode ser visto em três viés. Um deles diz respeito ao fato de as ações serem realistas ao mesmo tempo que há um universo de indivíduos que convivem e são governados pela subordinação

sem que haja algum tipo de consequência. O outro está relacionado as interrupções do narrador durante a narrativa de maneira desrespeitosa mostrando um lado de soberania. Estas intromissões são vindas de reflexões ou acontecimentos curiosos que quebram a linearidade e reafirmam a superioridade supracitada. Por último, o livro é composto pelo movimento do narrador sendo fútil tanto quanto o personagem tornando-se contínuo no sentido de repetir a volubilidade criando um espaço histórico que leve a críticas de quem observa ao mesmo tempo que “[...] a denúncia de um protótipo e pró-homem das classes dominantes é empreendida na forma perversa da auto-exposição “involuntária”, ou seja, da primeira pessoa do singular usada com intenção distanciada e inimiga (comumente reservada à terceira)” (SCHWARZ, 2000 b, p. 53-54), isto é expõe a si mesmo usando o eu de forma camuflada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pretendeu analisar os caprichos da elite brasileira na figura de dois personagens principais: Brás Cubas (em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*) e Janjão (em “Teoria do Medalhão”) para que através da literatura possamos refletir sobre o meio social, quem nós somos e o lugar que ocupamos diante da sociedade. Para se atingir uma compreensão sobre os caprichos fizemos um estudo das personagens e narradores que possibilitou perceber por meio do levantamento teórico que as narrativas geralmente são construídas com mais de uma categoria de narrador, mas prevalece aquela que tem maior predominância no texto.

Além disso, os estudos de Brait (1985) proporcionaram a compreensão sobre as personagens, visto que há um costume de confundir os conceitos. Esta confusão é feita devido o autor construir o texto de tal maneira que contribui para quem está fora dele compartilhe dessa invenção criada. O personagem não é somente o ser fictício, o ser de papel, é aquele trabalhador, dona de casa, médico, enfim homens e mulheres que se reconheceram dentro do escrito.

Dessa forma, no que tange às categorias observadas, conclui-se que é de suma importância para poder identificar o foco da narrativa do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a) e do conto “Teoria do Medalhão” (1994 b) em que no primeiro desvendamos que ocorre de maneira mais complexa visto que estamos diante de um narrador inconsistente. Ora mostra a narrativa pelo viés protagonista, ao mesmo tempo que sabe das emoções dos personagens ao redor, ora conversa com o leitor intrometendo-se com comentários seja para chamar atenção do leitor, distrai-lo ou para provocar e despertar alguma reflexão a respeito daquilo que foi dito ou conduz a narrativa voltando a acontecimentos anteriores.

No segundo, por tratar-se de um conto observamos que tem uma estrutura mais curta e básica com apenas diálogos entre pai e filho. Por isso não tem tantos aspectos para serem analisados resultando no que Leite (2002) chamou de modo dramático, pois tem semelhanças com o que acontece nas novelas e nos teatros com sucessão de ações que não são narradas, mas que o leitor pode acompanhar através da fala direta das personagens.

Depois, analisar através dos elementos da narrativa sobre o comportamento caprichoso de Brás Cubas e Janjão diante da sociedade visando os momentos que mais aparecem no enredo. Em especial, no romance verificamos no desejo em tornar-se famoso através da criação de um remédio para ter o nome lembrado e de alguma forma ser inesquecível mostrando que a personagem age de acordo com as aparências e por vaidade. O mesmo ocorre quando escondeu a origem humilde da família em que a invenção da história sobre o nome ser herdado de um

herói vencedor mostra o interesse em ganhar vantagem e sempre manter no patamar de classe alta, de domínio.

Outro momento que verificamos as ações voluntariosas do rapaz rico são ainda na infância na medida em que fazia travessuras sempre colocando a culpa na escravizada que cuidava dele agredindo-a e com o menino Prudêncio por meio de atos cruéis e violentos, permitidos pelos pais, pois percebemos que este hábito era considerado normal, dado que não havia estranhamento de nenhuma das partes.

Dessa forma, mais um fator relevante a respeito do capricho de Brás captamos na vida amorosa do rapaz, apresentando-se na adolescência com apenas dezessete anos já frequentava “ceias de moças” em que gastava muito dinheiro com joias e festas contraindo dívidas. Apesar de Machado não ter citado diretamente, pelo contexto inferimos que se trata de um prostíbulo sendo justamente a dona do estabelecimento a mulher por quem o jovem veio a apaixonar-se. O afeto não aparece no romance como algo romântico, e sim marcado pelo interesse trazendo marca do realismo de Machado. Nesse passo, é relevante destacar que a vida do jovem com farras ocasionou em o pai mandá-lo para Coimbra com intuito de estudar direito e de separá-lo de Marcela resultando em outro aspecto interessante no comportamento da elite brasileira que é impor ao filho sem limites ir a Portugal e direcioná-lo para profissões consideradas até nos dias de hoje como de prestígio.

Destarte, torna-se cada vez mais claro que os caprichos de Brás estão vinculados à maneira pela qual se relaciona com as pessoas que ocupam espaço de menor prestígio, dado que como vimos a relação dele com a escrava e com Prudêncio é de violência. Já com a senhora Dona Plácida, o almocreve, Eugenia, Eulália e o escritor Luiz Dutra tinham um relacionamento em que Brás ocupava o espaço superior e os outros estavam subordinados a ele.

Assim como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994 a) em “Teoria do Medalhão” (1994 b) também verificamos o comportamento caprichoso no sentido que Janjão é aconselhado pelo pai a tornar-se medalhão (uma espécie de celebridade). Para isso era necessário mentir, fingir, deixar a essência de lado e criar um personagem público que a sociedade adorasse. Veja que todos esses aspectos são características reprovadas pela sociedade, mas que Machado traz pelo averso através da figura do genitor que exalta de maneira positiva esses prismas negativos.

Além do mais, refletir os fatores que impulsionaram para as atitudes caprichosas de Brás Cubas e Janjão em que identificamos na figura do pai em ambas obras, sendo que no romance o genitor permite que o primogênito agisse conforme os desejos sem acontecer a punição de fato. No conto, o próprio pai era quem incentivava e orientava seu descendente para conseguir

a qualquer custo o título de Medalhão. O outro fator identificado apresenta-se apenas no primeiro caso com a presença do tio João, do tio Ildefonso, da mãe e do ambiente que vivia.

Por último, para expor os elementos presentes no comportamento inconstante e dominador tanto do personagem quanto de quem narra em *Memórias Póstumas* (1994 a) descobrimos com os apontamentos de Schwarz (2000 b) que o narrador-personagem aparece instável, visto que ao contar as memórias sobre sua vida muda de comportamento na medida em que inicia um assunto e insere algum comentário quebrando o conteúdo anterior. Em um capítulo escreve apenas pontinhos para reproduzir o “nada” que sua vida representou, uma vez que não deixou nenhum legado, nem sequer um herdeiro, algo tão significativo para sociedade como forma de continuar a linhagem; oscila na passagem do cronológico para trazer um tema que já foi citado. Além disso, a presença das passagens do comercial ao bíblico e do científico à charada.

Destarte, o personagem faz o mesmo, visto que em um momento quer ser ministro, político, ser dono de jornal, deseja fundar um ministério e no final a única coisa que consegue é um diploma de direito sem ter se dedicado aos estudos. Todas essas oscilações são frutos do tédio ao mesmo tempo que também refletem uma superioridade por parte do narrador e do personagem Brás que exerce controle sobre Dona Plácida quando expõe os motivos nos quais a senhora veio ao mundo resumindo-se em apenas servir. Percebemos que esta supremacia e dominância também é vista na posição que ocupa a menina Eugênia, apenas uma garota humilde que foi fruto de um relacionamento fora do casamento é rejeitada por Brás devido possuir uma deficiência na perna e por isso não é considerada a altura.

Para além, a dominância gera a associação de dependência que Schwarz (2000 a) chamou de relação de favor, sendo estabelecida através de casamentos arranjados como vimos no projeto de casamento e cargo político elaborado pelo pai de Brás, no acobertamento do adultério por meio de Dona Plácida, na compra do silêncio de Luís Dutra através de elogios que antes eram negados, na justificativa dos atos violentos do cunhado Cotrim, entre outros.

Assim, diante dos resultados encontrados confirmou-se a hipótese do trabalho de que através dos personagens representantes da elite brasileira, os caprichos agem diretamente na relação estrutural gerando dependência da massa mais desfavorecida.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994 a. Disponível em: <https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista>. Acesso em: 04 set. 2021.

_____. Teoria do medalhão. In: _____ *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994 b. vol. II. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000232.pdf>. Acesso em: 08 set. 2021. 7 p.

BRAIT, Beth. O faz-de-conta das personagens. In: _____ *A personagem*. Editora Ática, 1985.

_____. A construção da personagem. In: _____ *A personagem*. Editora Ática, 1985. p. 8-28.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. A tipologia de Norman Friedman. In: _____ *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 2002. p. 52-68.

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do Lugar. In: _____ *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. Editora 34, 2000 a.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. Editora 34, 2000 b.

SILVA, Angela Cristina da. Freud e a Psicanálise. In: _____ *os fundamentos freudianos e as aplicações da psicanálise: condições, possibilidades e implicações*. Curitiba. 2012. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Universidade Federal do Paraná. Pdf disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27412/R%20-%20D%20-%20SILVA%2c%20ANGELA%20CRISTINA%20DA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 Mar. 2022.